

◇

× × × × × ×  
× × × × × ×  
× × × × × ×  
× × × × × ×

# *A Psicologia em Diferentes Contextos e Condições 2*

◇



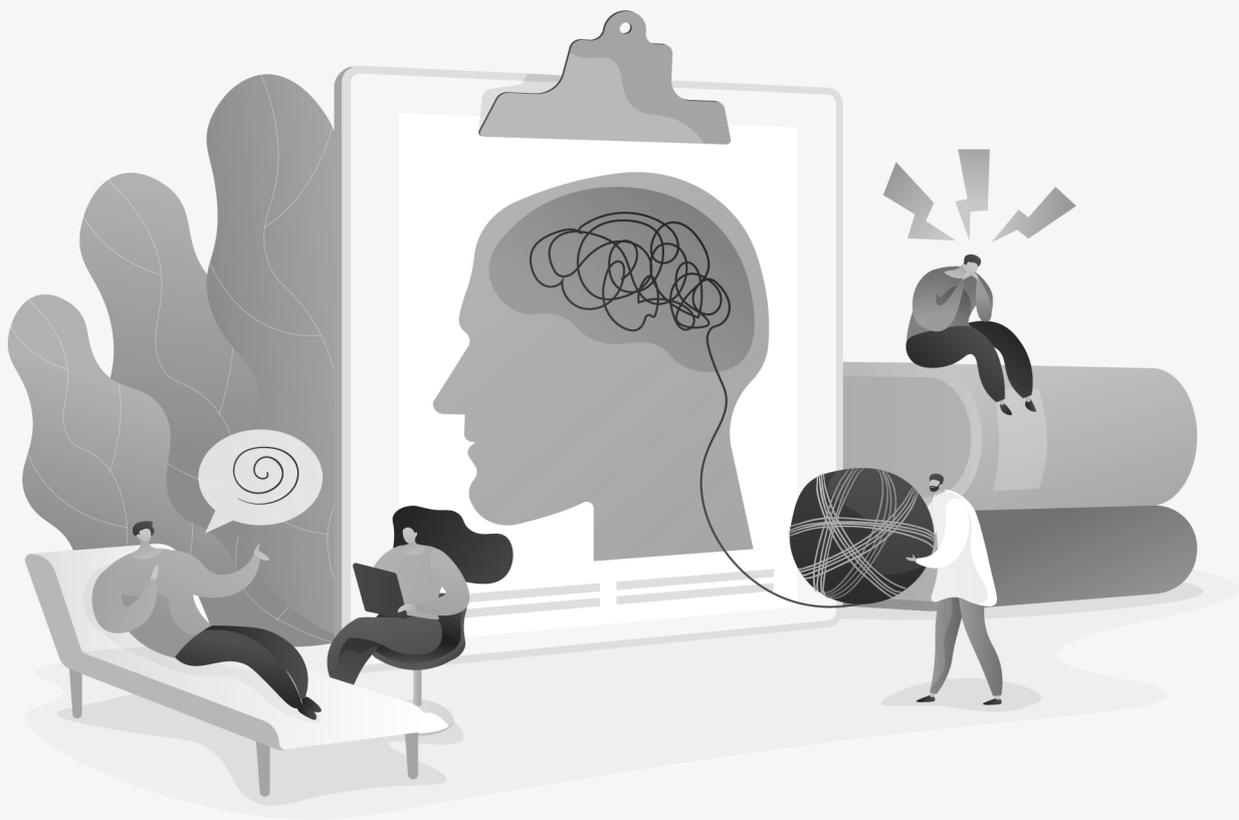
*Tallys Newton Fernandes de Matos  
(Organizador)*

Atena  
Editora  
Ano 2020

◇



# *A Psicologia em Diferentes Contextos e Condições 2*



*Tallys Newton Fernandes de Matos  
(Organizador)*

**Atena**  
Editora  
Ano 2020



**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

**Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima

Luiza Batista 2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro Copyright © Atena Editora

**Edição de Arte** Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Revisão** Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## A psicologia em diferentes contextos e condições 2

**Editora Chefe:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário:** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Edição de Arte:** Luiza Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Tallys Newton Fernandes de Matos

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P974 A psicologia em diferentes contextos e condições 2 [recurso eletrônico] / Organizador Tallys Newton Fernandes de Matos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-5706-189-3  
DOI 10.22533/at.ed.893201707

1. Psicologia. I. Matos, Tallys Newton Fernandes de.  
CDD 150

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A humanidade passou por diferentes transformações ao longo da história, na esfera das representações sociais, que modificaram o campo da realidade e subjetividade, configurando o sentido e significado do sujeito. Tais configurações proporcionaram o surgimento de diferentes teorias como preposição para justificar casualidades e dissonâncias no cotidiano.

Historicamente, algumas teorias buscavam enquadrar o ser humano em padrões comportamentais que poderiam ser idealizados dentro de um quadro e conjunto atitudes, estes determinariam o que seriam considerados atos de normalidade ou anormalidade. Vieses eram excluídos nesta situação, como, por exemplo, costumes e valores adquiridos no meio comunitário oriundos dos marcadores culturais de determinado meio ou comunidade. Para exemplificar tal citação, demos, por conseguinte, a loucura, que foi definida de diferentes maneiras ao longo da história, assim como seu tratamento, que teve diferentes formas de atuação, passando, atualmente, a ser alocada no discurso de saúde mental.

Neste sentido, é importante destacar a importância da pluralidade cultural, que é um resultado das lutas sociais, históricas e políticas dos movimentos sociais, no que diz respeito ao conhecimento e a valorização de características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem em um mesmo ambiente. A pluralidade, como veremos nos primeiros estudos desta obra, busca explicitar a diversidade étnica e cultural que compõe a sociedade, compreendendo suas relações, os marcadores de desigualdades socioeconômicas, além de apontar transformações necessárias ao meio social. Tais pressupostos oferecem elementos para valorização das diferenças étnicas, culturais, respeito, expressão, diversidade, dignidade e construção da identidade.

Compreender a pluralidade cultural possibilita a reconfiguração da aprendizagem e incorpora a aprendizagem significativa, através da relação criada no significado entre os elementos com a estrutura da matéria, por intermédio das informações obtidas. Todavia, estas possibilitam uma nova organização progressiva, que explora as estruturas cognitivas e categoriza o conhecimento. Tais artefatos são relevantes para o desenvolvimento pessoal, podendo proporcionar diferentes benefícios, como, por exemplo, as diferentes intervenções e estratégias no ambiente de trabalho.

Neste âmbito, destaca-se que o ambiente de trabalho envolve condições, organizações e relações, concatenando-se em uma atividade física e intelectual, a qual dá sentido e significado a vida do homem. Tem o caráter produtivo, de manutenção, de subsistência e de satisfação. É também um marcador de horário e envolve conhecimento, habilidades e atitudes, proporcionando integração, civilização, economia e existência, ao passo que tem como produto a realização pessoal. Porém, o excesso ou ausência e as diferentes circunstâncias e demandas, assim como as condições, organizações e relações podem prejudicar a saúde mental.

Neste sentido, são importantes modelos de intervenção que busquem a qualidade de vida como pressuposto básico para a promoção da saúde. Destacam-se diferentes métodos e práticas, neste âmbito, que cabem ao profissional de psicologia que, através do olhar terapêutico, podem identificar estratégias e ferramentas de atuação, avaliação e intervenção. É importante destacar que, tais elementos, citados anteriormente, não inibem a dinâmica do cotidiano, e a adversidade continua em cenário aberto e contínuo em nosso processo de finitude, já que essa, para alguns teóricos, é a única certeza que temos.

Neste aspecto, de acordo com o discurso abordado anteriormente, explicitando assim a construção de tais argumentos e falas, a obra “A Psicologia em Diferentes Contextos e Condições 2” aborda questões inerentes à “cultura”, “aprendizagem”, “trabalho”, “saúde”, “qualidade de vida” e “finitude”. Já o volume 1, também organizado pelo mesmo autor, aborda outros contextos da psicologia que foram selecionados pensando no eixo do “desenvolvimento humano”. Fica, aqui, um convite ao retorno para à leitura e apreciação do primeiro volume.

Por fim, a coletânea “A Psicologia em Diferentes Contextos e Condições 2” explora a pluralidade e construção teórica na psicologia através de estudos, em diferentes contextos e condições, realizados em instituições e organizações de ensino superior, no âmbito nacional e internacional. Como pesquisador, ressalto a relevância da divulgação e construção contínua do conhecimento científico em benefício do desenvolvimento social. Portanto, destaco a Atena Editora como uma plataforma consolidada e confiável, em âmbito nacional e internacional, para que estes pesquisadores explorem e divulguem suas pesquisas.

Tallys Newton Fernandes de Matos

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
<i>HISTÓRIA DA LOUCURA E DANAÇÃO DA NORMA: UMA GENEALOGIA DO TRABALHO COMO TECNOLOGIA DE CONTROLE UTILIZADA PELA PSIQUIATRIA CLÁSSICA</i>	
<a href="#">Geruza Valadares Souza</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8932017071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>17</b>
DISCRIMINAÇÕES SEXUAIS E RACIAIS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: QUESTÕES PARA SAÚDE MENTAL!	
<a href="#">Felipe Cazeiro</a>	
<a href="#">Candida Soares da Costa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8932017072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>36</b>
GOUINES, OS PLATÔNICOS AFEMINADOS: À MARGEM DOS HETEROFLEXÍVEIS E DOS GAYS	
<a href="#">Luis Aboim</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8932017073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>54</b>
OBJETOS CULTURAIS EM PSICOLOGIA CLÍNICA: O CINEMA COMO POSSIBILIDADE POÉTICA DE TRANSFORMAÇÕES SUBJETIVAS	
<a href="#">Wellington Gomes da Silva</a>	
<a href="#">Gilberto Safra</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8932017074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>66</b>
ANÁLISE DA IMPORTÂNCIA DA IDENTIFICAÇÃO DOS ESTILOS DE APRENDIZAGEM PELO TESTE DE KOLB: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	
<a href="#">Heveline Barreto Sampaio Brito</a>	
<a href="#">Edenilson Cavalcante Santos</a>	
<a href="#">Camila Danielly Barbosa de Carvalho</a>	
<a href="#">Allana Renally Cavalcante Santos de Moraes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8932017075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>78</b>
COMO O CÉREBRO APRENDE?: ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NACIONAL SOBRE NEUROPEDAGOGIA	
<a href="#">Miliana Augusta Pereira Sampaio</a>	
<a href="#">Denise de Barros Capuzzo</a>	
<a href="#">Simone Lima de Arruda Irigon</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8932017076</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>91</b>
SAÚDE MENTAL DE MILITARES NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
<a href="#">Isabela Faria Berno</a>	
<a href="#">Júlio Ricardo França</a>	
<a href="#">Vanessa Catherina Neumann Figueiredo</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8932017077</b>	

**CAPÍTULO 8 ..... 103**

OS IMPACTOS DA SÍNDROME DE BURNOUT EM DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR

Yolanda Rakel Alves Leandro Furtado  
Maria Alice Ferreira Tavares  
Anna Thays Leal de Sousa  
Fernanda Jozeanne Luna Amaral  
Ana Márcia Ventura da Silva  
Ana Lúcia Bezerra Maia  
Maria Idelvânia Gomes  
Herminia Tavares Ferreira  
Jamisom Felype dos Santos  
Julio Cesar Dias de Barros  
Vivianne de Alcantara Ferreira  
Natália Feitosa Silva

**DOI 10.22533/at.ed.8932017078**

**CAPÍTULO 9 ..... 115**

INFLUÊNCIA DOS SINTOMAS DE ANSIEDADE E DEPRESSÃO NOS SISTEMAS DE MEMÓRIA

Fernanda Garcia Varga de Sobral  
Camila Cruz Rodrigues

**DOI 10.22533/at.ed.8932017079**

**CAPÍTULO 10 ..... 128**

AUMENTO DE QUALIDADE DE VIDA BASEADO NAS PRÁTICAS DO MÉTODO RESTAURATIVO EM PRATICANTES NO BRASIL E PORTUGAL

Miila Derzett  
Andréa Duarte Pesca  
Gabriela Frischknecht

**DOI 10.22533/at.ed.89320170710**

**CAPÍTULO 11 ..... 134**

AValiação DOS COMPORTAMENTOS DOS MORADORES DE UM SETOR DE PALMAS – TO E AS POSSÍVEIS RELAÇÕES COM O DESCARTE DO LIXO NO MEIO AMBIENTE

Ana Patricia Alves de Souza Auriema  
Maria Isadora Dama da Silva  
Conceição Aparecida Previero

**DOI 10.22533/at.ed.89320170711**

**CAPÍTULO 12 ..... 143**

PERCEPÇÃO DE IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS SOBRE QUALIDADE DE VIDA

Anieli Andressa Smyk  
Isadora Garcia  
Isadora Silveira de Almeida  
Marília dos Santos Amaral

**DOI 10.22533/at.ed.89320170712**

**CAPÍTULO 13 ..... 163**

USO MEDICINAL DA CANNABIS: DISCUSSÕES E DESAFIOS SOBRE SUA REGULAMENTAÇÃO NO BRASIL

Carlos Augusto Villanova Ferreira  
Thiago André Pedrozo Dohms  
Gabriela Maria Carvalho Rodrigues

**DOI 10.22533/at.ed.89320170713**

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>182</b>
PROCESSOS DE CRIAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL: UMA PERSPECTIVA ONTOLÓGICA DA ATIVIDADE MANUAL COM BASE EM MARTIN BUBER E GASTON BACHELARD	
Geruza Valadares Souza	
Marcus Vinicius Machado de Almeida	
Marcelle Carvalho Queiroz Graça	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89320170714</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>199</b>
O SENTIDO E A FINITUDE DA VIDA SOFRIMENTO, MORTE E REALIZAÇÃO DA VIDA	
Joaquim Parron Maria	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89320170715</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>214</b>
PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO - PLATAFORMA DA GESTÃO DO CONHECIMENTO	
Adelcio Machado dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89320170716</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>227</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>228</b>

## GOUINES, OS PLATÔNICOS AFEMINADOS: À MARGEM DOS HETEROFLEXÍVEIS E DOS GAYS

Data de aceite: 05/07/2020

**Luis Aboim**

<http://lattes.cnpq.br/5295448115353047>

**RESUMO:** O *lesboman* está ganhando um novo rótulo – *gouine* – termo que deriva do francês (pronuncia-se *guine*) e que no original francês indica a prática lésbica que exclui dildos e/ou acessórios da relação interfeminina. Alguns homens platônicos metaforicamente “homens lésbicos”, aqui no Brasil, começaram a adotar esse termo *gouine* como uma forma de denominação ou categoria sexual. Denominação essa não conceituada na literatura da sexualidade e que situa-se em uma faixa repleta de nuances e características que esse artigo por meio de entrevistas semi-estruturadas procurou esclarecer e conhecer enquanto prática homoafetiva peculiar. Emerge no estudo que enquanto uma categoria limítrofe, na qual mesma entra em vários dilemas, de cunho da apropriação individual e coletiva, gerando conflitos internos e em especial surgindo o sentimento de discriminação tanto da parte dos que se denominam homoeróticos (g0ys – escrito com zero, em português

pronunciado: guí ou góis), quanto dos que se autodenominam gays.

**PALAVRAS - CHAVE:** Sexualidade Masculina; Atitudes Sexuais; Papéis Sexuais; Homoerotismo.

### LESBOMEN, THE EFFEMINATE PLATONIC AT MARGIN OF HETEROFLEXIBLES AND OF THE GAYS

**ABSTRACT:** The lesbomen in Brazil is gaining a new label – *gouine* – a term derived from French indicating the lesbian practice rather soft and that excludes dildos and/or accessories the fellatio of the inter female relation. In Portuguese, some men Brazilians started to adopt the term as a form of denomination or sexual category. Denomination that is not conceptualized in the literature of the sexuality and that situated in a region full of nuances and characteristics that this article through semi-structured interviews sought to clarify and to know as a homoffective practice peculiar. Emerge in the research that as a limitrophe category, the same enters in several dilemmas of individual and collective appropriations, generating internal conflicts and in special arising the feeling of discrimination at part of those who call themselves homoerotic (g0ys – Spelled with a zero) as well as those

who call themselves homosexuals (gays, top and/or bottoms).

**KEYWORDS:** Male Sexuality; Sexual Attitudes; Sex Roles; Homoeroticism.

## 1 | INTRODUÇÃO

Por mais que algumas pessoas recusem, para outras, ter **um rótulo, que lhe caia como uma luva pode servir como um alívio, ou a descoberta do seu lugar na sociedade**. A variação é parte do que nos faz humanos. Todos nós queremos nos conhecer, conhecer quem pode nos entender melhor. Nesse sentido, pode ser da natureza humana querer se classificar e rotular os outros. Por outro lado, tem aqueles que recusam as classificações. Mas é importante procurar parceiros ou pessoas de pensamento semelhante que nos ajudem a nos definir. (Bass, 2014, doc *on-line*, grifo nosso).

O comportamento g-zero-y (g0y) é muito antigo no ponto de vista do comportamento erótico/afetivo masculino, tendo o seu registro desde a Grécia Antiga, no entanto é um comportamento erótico extremamente recente do ponto de vista de ser objeto de pesquisa e somente neste século o g0y estar catalogado enquanto uma das identidades possíveis na área da sexualidade. O primeiro artigo a tratar do assunto na área de Psicologia foi o de Wiik (2012) que trouxe uma análise meramente descritiva de conteúdo do *website* G0ys.org (G0ys, 2004), fazendo emergir na literatura da psicologia os argumentos expressos neste grande difusor da internet, em especial a ideia que mais chamava a atenção, o *slogan*: GØY IS NOT GAY, como grito de ordem central.

O artigo de Wiik (2012) realiza uma longa análise do *website* (G0ys, 2004), no entanto esclarece pouco sobre o ‘que é’ ou o ‘que não é’ o comportamento homoerótico, o trabalho serve mais como uma provocação ao leitor para que venha a pesquisar, do que propriamente um artigo para entendimento de delimitações do conceito. Nesse ínterim, o artigo a tratar do conceito g0y e suas fronteiras é ainda mais recente. A discussão conceitual e o reconhecimento da categoria homoafetiva ou homoerótica, enquanto possibilidade de expressão homoafetiva e não exatamente gay, é trazida por Almeida, Castro, Razuck e Mamede (2017), em um artigo acadêmico que levanta a possibilidade de no mínimo dois diferentes níveis de expressão da homoafetividade masculina – uma *hard* e outra mais *soft* (uma mais sexual e outra mais afetiva, respectivamente).

O movimento LGBT (movimento social de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros) sofre de imediato com a perda da hegemonia, na luta pelas minorias ou como representação máxima dos que não se encaixam no comportamento hetero normativo, os g0ys não adotam a bandeira do arco-íris e nem se encaixam necessariamente na visão política de esquerda, na qual a maioria do movimento LGBT se insere. E, em sentido de oposição, alguns militantes LGBTs como Mott (2014), lançam a ideia de que gay e g0y são exatamente a mesma coisa – ou seja, os dois seriam a mesma categoria ou representariam o mesmo conceito, todos os dois seriam homossexuais. Mas, nem toda militância LGBT pensa assim, em exemplo o *website* oficial do movimento em Portugal Gay (LGBT, 2016) apoia

e considera o movimento g0y diferenciado, enxergando o conceito gay (homossexual) e o conceito g0y (homoafetivo) como sendo diferentes.

Mas pelo que parece a declaração da pessoas de estar sendo algo ou seja auto-rotulagem em si, não é suficiente para delimitação de espaço, pois em algumas situações o espaço pode ser cênico e perigoso:

Existe gay que finge ser g0y? Claro que existe, pois infelizmente o ser humano cria armadilhas psicológicas para si mesmo e que, às vezes, só o afastam da felicidade. Não há nada de errado em ser gay. Portanto não cabe a um gay, fingir que não é gay, isso não é saudável do ponto de vista psicológico. Nós do movimento g0y sempre ressaltamos que um g0y, seja hétero ou não, deverá ter uma postura pró-ativa, sair do armário e enfrentar o mundo de peito aberto. Entretanto, esse ser autêntico e o processo de assumir-se não devem ocorrer em função de pressões dos ditos políticos da sexualidade. O ser humano deve assumir aquilo que ele é de fato, e não o que os outros gostariam que ele fosse. (Fratman, 2014, doc. *on-line*).

Seja de forma com dissonância cognitiva, como pontuado por Fratman (2014) ou de uma forma mais autêntica buscando sentir-se mais bem posicionado no mundo; de certo temos que do ponto de vista coletivo, configura-se uma situação em que diversos indivíduos ao aderirem a uma nova identidade, criam um movimento na sociedade. E, como movimento social, o movimento g0y é bastante peculiar, conforme relatam os autores Almeida *et. al.* (2017) trata-se de um movimento silencioso, sem passeatas nas ruas e que se utiliza de *websites*, blogs e redes sociais na internet para se propagar. Politicamente o movimento mostra-se como sendo de cunho reformista-conservador.

No entanto, mesmo sem bandeira política com ideário revolucionário, os conceitos g0ys trazem rupturas enormes ao trazer uma visão subversiva que divide o mundo heterossexual masculino no mínimo em dois – heteropuristas e heterog0ys e resgata também a visão com limites mais conservadores do conceito homoafetivo original, nos moldes de Platão e Kertbeny, segmentando o mundo homo masculino entre piguitas e não piguitas.

Esses mundos “quebrados” ao interagirem entre si criam um ambiente com maior diversidade conceitual, atrelado também a uma maior complexidade tal como é possível visualizar na Figura 1, traduzida e adaptada de Almeida *et. al.* (2017), que ilustra a interação comportamental conceitual do heterossexualismo (na cor cinza escuro), com o homoerotismo (na cor cinza claro).

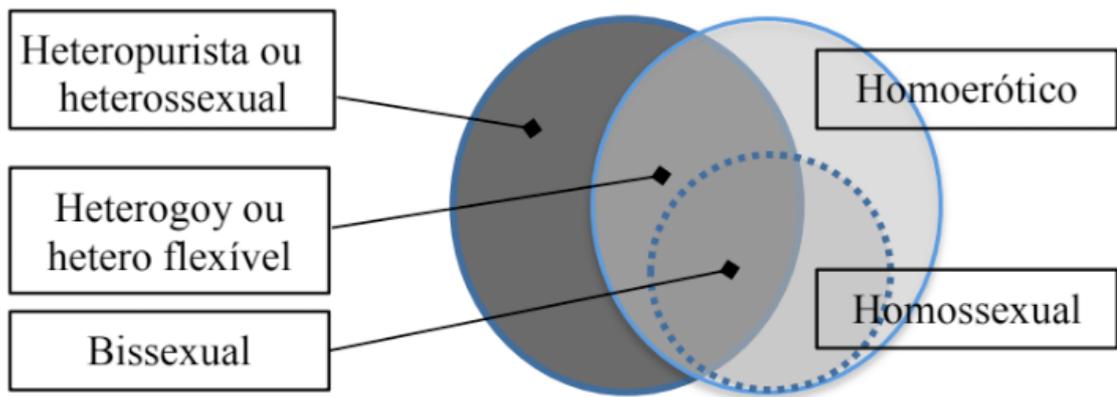


Figura 1- Interação entre o heterossexualismo e as instâncias do homoerotismo masculino.

Fonte: Elaboração própria. Inspirada em Almeida *et. al.* (2017).

O primeiro autor a utilizar o termo homossexual, foi também o próprio criador deste termo. E como era o mundo antes da hoje tão conhecida palavra homossexual?

Nesse período existia o homem considerado de comportamento sexual “reto” e neste cenário havia o homo piguista considerado de comportamento sexual “transviado”.

Por mais que hoje pareça irônico, se formos referenciar o comportamento g0y – em perspectiva histórica conceitual, apesar de sem o uso deste rótulo g-zero-y de roupagem mais moderna, quem escreveu na literatura pela primeira vez o comportamento g0y (homo erótico/masturbador) foi justamente o autor que também cunhou a própria palavra homossexual – Karl-Maria Kertbeny em 1869 (Takacs, 2004; Sá-Teixeira, 2019).

Podemos afirmar isso pois para Kertbeny (1869, citado em Takacs, 2004) o contexto dos desejos homo no cenário masculino era dividido na práxis, em dois extratos de comportamentos e também eram conceitualmente diferenciados, não exatamente convergentes: Os homoplatônicos e os homopiguistas.

Cabe ressaltar que nas obras de Karl-Maria Kertbeny cunhador do termo homossexual – esse termo dirigia-se EXCLUSIVAMENTE aos homens piguistas (isto é, homens praticantes do sexo anal no decorrer da interação íntima intermasculina), aos demais cabia o termo platônico e recebiam esse nome em homenagem ao filósofo Platão, que também separava em dois níveis o Eros Homoafetivo (Takacs, 2004).

A visão do Filósofo Platão obviamente não utilizava o termo homossexual, em virtude da palavra homossexual ter sido criada somente muito séculos depois, em 1869, por Karl-Maria Kertbeny. Mas fica patente que na Antiga Grécia o que existia eram poucos homens heteropuristas (interação íntima **exclusiva** com mulheres), segundo a obra de Prieto (2006), o predominante na época era o comportamento platônico, isto é, mix de comportamento heterossexual com o homoerótico, desta forma o padrão grego antigo mais comum seria o que hoje, em perspectiva conceitual mais moderno chamar-se-ia de heteroflexível (Puroflex, 2017) ou ainda heterogoy (Heterogoy, 2014).

Bem diferente da época de Roma, o homem com comportamento bi-total na Grécia

não era bem visto. Observa-se que na Grécia Antiga usava-se o termo “Kinaidos” para descrever “homossexuais passivos” e, suas preferências, em oposição ao ‘Eros que enobrece; i.e. um Eros não pederástico/ piguista ou o Eros idealizado pelo filósofo Platão (Prieto, 2006; Fratman, 2016; Sá-Teixeira, 2019).

Segundo Prieto (2006) e Lacerda Neto (2007) nas relações intermasculinas gregas eram aceitas e bem vistas interações íntimas entre homens que iam desde masturbação até ao coito interfemural, mas nunca à cópula.

Nessa visão fica patente que o que define o *label* ou a categoria é o ato e não necessariamente a orientação ou a tendência dos desejos. Mas se não for a tendência ou a orientação que mais conta, o que seria? Poderiam ser os valores pessoais?

Castro (2016), levanta pela primeira vez na literatura que as escolhas eróticas masculinas podem estar relacionadas com os valores pessoais; o estudo baseado em um forte lastro empírico chega a desenhar um mapeamento dos diferentes valores instrumentais que motivam o comportamento heteroflex e os valores que motivam o comportamento gay. Por esta ampla pesquisa, além dos valores pessoais, as prioridades axiológicas também são diferenciadas: o gay é mais hedonista, é menos tradicional e preza mais pelo poder, por outro lado os heteroflex prezam mais pela segurança e pela conformidade.

No *ranking* dos valores pessoais, os gays valorizam a privacidade, o direito de ter um espaço pessoal, o cuidado com a aparência e o esplendor das artes e os g0ys por sua vez valorizam a liberdade, a segurança, ser bem sucedido e o direito de ter uma vida de experiências mais estimulantes, aliado ao valor de estar em paz consigo mesmo (Castro, 2016). O poder de influência dos valores sobre o comportamento humano é tamanho que este caminho de investigação pode ser promissor. Seriam os valores capazes de superar a orientação sexual? E para sermos mais críticos, existe orientação sexual? Ou o termo correto seria condição sexual? O que a ciência diz a respeito?

Klein (1993) o autor clássico na área de estudo da bissexualidade, dedicou integralmente o terceiro capítulo de sua obra para defender a tese de que não é a atração que define o estar bissexual. Klein de forma incisiva afirma que nem todo homem que sente atração por ambos os sexos é um bissexual, pois existem heterossexuais que possuem sentimentos homoeróticos e, pode estar assim muito tempo na vida adulta, mas não ser bissexual, ser apenas hetero flexível.

Ainda nessa direção da atração (se for genética), ser apenas uma pré-disposição do indivíduo, mas não predominante, Whitehead (2011) com base nos diversos estudos investigativos sobre orientação sexual, conclui de forma contundente que o conceito de orientação sexual pode estar equivocado e afirma que tem ficado impressionado por quão fluida e mutável a condição sexual tem se mostrado nos estudos com gêmeos idênticos (em que um gêmeo é *gay* e o outro é *straight*), sendo que essa fluidez vem confrontar com a noção de orientação como algo fixa, ou até mesmo genética parece não ser plausível. A

flexibilidade e fluidez é ainda bem mais pronunciada entre os adolescentes.

Em um estudo recente na área de Psicologia Clínica, Sorotzkin (2020) relata diversas observações – não de cunho geneticista como foi o levantamento de Whitehead (2011), mas Sorotzkin investiga e aprofunda diversos casos clínicos; e ao observar esses casos o psicólogo clínico, chega praticamente a mesma conclusão, a que (em tradução livre p. 14): “Os três princípios da fé na homossexualidade enquanto orientação são exigidos pelo politicamente correto em que se prega que os homossexuais nascem dessa forma, que é imutável e que é uma variante de sexualidade humana. Vimos que essas crenças não são compassivas e nem são cientificamente validadas”. Estudos como estes, reforçam a ideia da sexualidade não é dicotômica, não é fixa e onde o *ser* – enquanto essência vai ganhando cada vez mais um status de *estar* e com condição de transitoriedade.

Sá-Teixeira (2019, p. 140), define o *g0y* dessa maneira: “Um estar *g0y* nada mais é que um homem que em contacto íntimo com outro homem, não pratica a cópula. Sendo, portanto, uma configuração de relação homo mais afectiva e erotizada”. O autor coloca então esse “estar *g0y*” sobre diversas avaliações ontológicas verificando a pró-validade do seu conceito enquanto ser um homoerostimo de essência não piguista.

As conclusões de Sá-Teixeira (2019) foram as que não há atributos ontológicos que invalidem o conceito *g0y*, sendo um conceito válido e que já se encontra presente na literatura acadêmica desde a época de Platão na Antiguidade e registrado e ressaltado Karl-Maria Kertbeny no século XIX e também por Klein no século XX. Para o autor, se a nossa cultura ignorava essa possibilidade erótica era simplesmente porque não havia pessoas ou grupos que politicamente e publicamente defendessem o padrão não piguista (exclusão da penetração anal), como o seu estar homoerótico preferencial.

Esses grupos nos anos 2000 surgiram e enquanto estilo de vida que foi propagado ganharam mais e mais adeptos. Atualmente os conceitos de ‘*estar*’ não piguista em sintonia com o ‘*eros que enobrece*’ do homoplatonismo insere-se em um movimento contra cultural que quebra o polarismo entre *gays* e *straights*, ganhando força na internet e a possuir como principais difusores os *websites*: G0ys.org (G0ys, 2004) nos Estados Unidos, G0y.eu (G0y, 2012) na Ucrânia/Rússia e Heterogoy (Heterogoy, 2014) no Brasil.

Nestes três *websites* a visão que prevalece é que: A homoafetividade não [necessariamente] retira a masculinidade, a visão de que amar outro homem não é pecado, a filosofia de que o amor é acima de atos sexuais e em todos eles de forma unânime referencia-se o comportamento *g0y*, como uma categoria comportamental à parte das três categorias tradicionais: *Straight, Gay, Bisex*.

Segundo Fleischman, Fessler e Cholakians (2015) há de fato uma frequência recorrente de comportamento homoerótico entre indivíduos que se identificam como heterossexuais, justo por não terem uma condição sexual exclusivamente homossexual e, nesse âmbito, também não se enxergam como bissexuais, o estudo sugere que tal comportamento homoerótico/homoafetivo é extremamente importante, sendo ele que

permite a existência da própria noção de civilização, potencialmente tem valor adaptativo, como a afiliação motivadora para fazer e manter vínculos sociais.

Diversos sexólogos e psicólogos em inserções na imprensa (Lopes, 2014; Viana, 2014; Cecarello & Castro, 2015; Aboim, 2018), seguem nesta mesma direção dos difusores e referendam a posição do homoerotismo; para Viana (2014) o g0y nada mais é que um resgate psicanalítico dos ideais da Grécia Antiga, Lopes (2014) afirma não acreditar em orientação como pré-formatação sexual e considera o g0y como mais uma vertente da sexualidade, a sexóloga Cecarello (Cecarello & Castro, 2015) diz em *talk show* que o heterogoy não é um bissexual é algo diferente e é uma categoria à parte e Castro no mesmo debate enfatiza a configuração do comportamento homoafetivo *only* presente na relação g0y; por fim, Aboim (2018) utiliza a psicologia cognitiva para explicar porque o heterogoy (hetero flexível) e o homogoy (**gouine**) como vertentes do g-zero-y, podem não serem considerados gays..

Ocorre que, se o comportamento g0y, se traduz em uma interação íntima intermasculina sem a expressão da cópula; diante desse atributo, sendo uma configuração de relação *homo* mais afetiva e erotizada; por que para alguns o homo g0y ou gouine (Aboim, 2018) seria também sinônimo de homem *lésbico*? O que seria a interação gouine?

Se já há pouco material sobre a identidade ou comportamento g-zero-y, há ainda muito menos sobre o que seria o gouine, indicando a originalidade e a importância dessa pesquisa, ao buscar entender de forma exploratória um pouco mais esse fenômeno da sexualidade atualmente presente no Brasil.

Almeida *et. al.* (2017), chegam a fazer uma tabela comparativa, trazendo dez atributos de comparação entre os g0ys e os gouines (Tabela 1). No entanto o artigo possui forte foco nos g0ys e se restringe a comentar:

Os praticantes de *gouinage*, ou homens *gouines*, seriam o que o mundo chama de *gay light* – ou seja algo como um gay “que pega leve”. Os gouines apesar de não serem numerosos no Brasil, a sua postura possui adeptos e são homens que se relacionam eroticamente com outros homens sem intercuro sexual (pênis-ânus). Seja entre dois ativos ou dois passivos, a gouinage não isenta de eles praticarem sexo ocasional *com outros* parceiros como ativo ou passivo. *Gouine* vem do Francês e significa Lésbica, isto é, seriam os homens que não praticam sexo penetrativo e portanto fazem sexo como as lésbicas, seriam gays “lésbicos”. Esse conceito não é aceito pelos g0ys no momento que pela influência francesa, os *gouines* são mais permissivos com a postura afeminada e identificam-se mais com a cultura gay. Coisa que, no meio g0y ocorre uma ruptura nesse quesito, pois os mesmos identificam-se mais com os valores da cultura hétero. (Almeida *et. al.* 2017, pp. 212 e 213)

A diferença entre g0ys e gouines estaria então nos valores? Nos atributos? Na relação e na identificação cultural com a comunidade gay ou com a comunidade g0y? Do ponto de vista conceitual, os gouines também não seriam gays. Essa nuance é tão ‘polêmica’ que locais na internet que tentam definir o que é um gouine, possuem contradições e tensões conceituais, vejamos:

Normalmente as mulheres heteroflexs não topam realizar a felação (sexo oral) em outra mulher. Elas apenas se tocam, beijam e trocam carícias, essa interação é também chamada de gouinage. (Puroflex, 2017, *Doc on-line*)

Gouine: Aquele que é praticante de gouinage. Termo francês que refere-se ao sexo não penetrativo, ou seja o sexo lésbico. No dia a dia, o termo é usado em referência às lésbicas que sejam mais femininas ou aos homens homoafetivos (g0ys) que sejam mais sensíveis ou delicados. Um gouine seja ela uma mulher bissexual ou seja um homem homoafetivo, não pratica sexo anal nos contatos íntimos. (...). Raramente o vocábulo é utilizado referindo-se às mulheres lésbicas mais masculinizadas, normalmente refere-se a uma mulher feminina, mas com tendências homossexuais. Além do contexto das mulheres, esse termo francês também é muito empregado no sentido de “homem lésbico” referindo-se ao homem g0y (g-zero-y) com aparência mais afeminada. (Dicionário Informal, 2014, *Doc on-line*)

Essa tensão conceitual que leva a considerar o gouine como g0y e que leva a considerar o gouine como um “lésbico masculino” é constatada também nos dados empíricos, conforme será relacionado nas seções seguintes. Na própria definição do que é ser gouine, há uma tensão que gera muitos questionamentos: Não é um termo exclusivo para mulheres? Seria um equívoco expandi-lo para homoeróticos masculinos?

Segundo seu significado em francês, *websites* indicam que sequer deve ser usado para todas as lésbicas, apenas para as lésbicas que sejam de fato ‘femininas’, não cabendo a sua aplicação a lésbicas de comportamento seja mais estereotipado ou masculinizado. Às vezes lendo o seu significado esse autor teve a impressão que parece ser uma apropriação indebita o seu uso no comportamento homomascuino. Os homens g0ys por seu lado começaram a usar a hashtag #goyanage, em redes sociais, para não vincular com comportamento afeminado e para marcar que, gouine não é exatamente uma identidade, mas uma das práticas homoeróticas.

Os atributos da Tabela 1, trazem a possibilidade ‘ainda precária’ do gouine como uma possibilidade enquanto identidade homoerótica.

Pelas informações da Tabela 1 – há convergências de atributos, em especial o item 10, que é um ponto comum e serve como elemento de fronteira, mas divergem por exemplo já no atributo 9, os gouines não consideram a possibilidade de interseção com o comportamento hetero, gerando as divergências nos atributos 5, 6, 7 e 8 e no campo político – item 4 não se posicionam necessariamente de forma semelhante. Os atributos 2 e 3, voltam a ser pontos de convergência. E como dito anteriormente gouine é termo que pode ser adotado por homens e/ou por mulheres, mas nas redes sociais está sendo hoje muito utilizado por homens homoafetivos, que não se consideram g0ys ou não desejam abandonar o rótulo gay.

Semelhanças e diferenças primárias	Gouine	GØy
1. Sexo masculino	Não, pode ser usado por homens e mulheres	Exclusivo para homens
2. Atração por pessoas do mesmo sexo	SIM	SIM
3. Praticam masturbação mútua; <i>Frottage</i> (fricção genital); felação; abraçam-se, beijam-se, imitam as lésbicas, etc.	SIM	SIM
4. Consideram-se como pertencentes ao movimento LGBT	SIM	NÃO
5. Identifica-se com a cultura <i>Gay</i>	SIM	NÃO
6. Identifica-se com a cultura <i>Hetero</i>	NÃO	SIM
7. Afinidade com a postura afeminada	Sim, em muitas das vezes.	NÃO
8. Preferência pela postura e aparência masculina	Não necessariamente.	SIM
9. Praticam sexo com mulheres	NÃO	Sim, em muitas das vezes.
10. Praticam o ato anal com homens	NÃO	NÃO

Tabela 1 - Comparativo de Atributos entre o comportamento g0y e gouine.

Fonte: Almeida *et. al.* (2017). Género y identidad masculina en el nuevo milenio: La homo afectividad y la visión social basada en la filosofía de comportamiento GØy (G-cero-y). *Psicología, Conocimiento y Sociedad*. 7(1), 199-225. Doi: <http://dx.doi.org/10.26864/v7n1.9>

Assim nesse contexto complexo e diante da tensão conceitual, diante das diversas nuances havendo convergências e divergências entre os atributos de g0ys e gouines, diante de haver homens que se auto intitulam gouines e diante da necessidade de um mapeamento qualitativo, saindo do campo teórico conceitual para o mundo real, este trabalho relatado nesse capítulo do livro, teve como objetivo realizar um mapeamento exploratório com a fala de pessoas que se consideram gouines e as analisando nesse campo conceitual constrastivo e tensional.

## 2 | MÉTODO

Trata-se de estudo qualitativo no qual se buscou investigar de forma exploratória homens que se autodenominam gouines, utilizando como ferramenta de coleta de informações entrevistas semi-estruturadas. Os voluntários para a pesquisa foram convidados em grupos de ‘homens gouines’ do Facebook. Identificando-se e pedindo permissão ao administrador do grupo foi então lançado convite para participação na pesquisa, aos que aceitavam o convite, em privado era enviados três questões estruturadas (fixas) e após a resposta dessas havia uma interação não estruturada de conteúdo aberto no sentido de dirimir dúvidas e trazer maiores esclarecimentos.

Na porção estruturada e de interação inicial com o participante da pesquisa era apresentado sequencialmente um questionário que versava sobre os seguintes aspectos:

Como é a sua relação com a comunidade g0y (g-zero-y)? E após a obtenção dessa resposta lançava-se a pergunta seguinte: Como é a sua relação com a comunidade gay?

Após essas duas perguntas, com base no estudo de Castro (2016), também era realizado um teste-cego, apresentando-se as duas lâminas que traziam diversos valores pessoais convergentes e divergentes entre heterogoyos e gays, mas retirou-se a legenda (isto é, não se explicava aos sujeitos em qual das duas estariam os valores tipicamente g0ys ou não) e aguardava-se a escolha do participante; então, após ser apresentadas as duas figuras (Figura 2 e 3), sem legenda, era perguntando com qual das duas lâminas de valores pessoais a pessoa mais se identificava.

#### Lâmina 1:

LIBERDADE	UM OBJETIVO NA VIDA	5,6	HONESTO
	SEGURANÇA FAMILIAR		
UMA VIDA DE EXPERIÊNCIAS ESTIMULANTES		5,4	SER BEM SUCEDIDO SAUDÁVEL
			CAPAZ (eficaz, eficiente) AMBICIOSO (trabalhar arduamente, ter
ESTAR EM PAZ COMIGO MESMO		5,2	INDEPENDENTE (ser auto-suficiente e auto-confiante)
SABEDORIA (compreensão madura da vida)			RESPONSÁVEL
JUSTIÇA SOCIAL	AMIZADE VERDADEIRA	5,0	AUTO-DETERMINADO SER LÓGICO, RACIONAL

Figura 2. Valores pessoais finais (à esquerda) e instrumentais (à direita) típicos da comunidade g-zero-y.

Fonte: Castro (2016).

#### Lâmina 2:

PRIVACIDADE (o direito de ter um espaço pessoal)		5,6	INDEPENDENTE (ser auto-suficiente e auto-confiante)
UM MUNDO DE BELEZA (esplendor da natureza e das artes)		5,4	ABERTO (ser tolerante a diferentes idéias e crenças)
			CAPAZ (eficaz, eficiente)
PRAZER (satisfação de desejos)		5,2	AMBICIOSO (trabalhar arduamente, ter aspirações)
UM MUNDO EM PAZ (livre de guerras e conflitos)			QUE GOZA A VIDA (gostar de comer, sexo, lazer, etc.)
VAIDADE (preocupação, cuidado com a aparência)		5,0	AUTO-DETERMINADO AUDACIOSO (procurar a aventura, o risco)

Figura 3. Valores pessoais finais (à esquerda) e instrumentais (à direita) típicos da comunidade gay.

Fonte: Castro (2016).

Ao final da parte de investigação estruturada, seguia-se então uma parte de interação não estruturada e de entrevista aberta cuja configuração era mais fluida e a se construir à medida que a entrevista se desenrolava, trazendo informações adicionais com questões customizadas e complementando dados qualitativos que serão analisados a seguir.

### 3 | RESULTADOS

Os participantes da pesquisa são aqui identificados por meio de pseudônimos para garantia da lisura e do anonimato. Sendo Renato, estudante de design com 20 anos, Roberto, advogado com 29 anos, Rogério artista plástico, 25 anos, Robson, estudante de arquitetura, 22 anos e Robério o mais jovem possui 19 anos é presidente de um Centro Acadêmico (CA) atuante no movimento estudantil e estudante de Ciências Sociais. **Todos declararam-se gouines.**

A Tabela 2 traz o conteúdo na íntegra das respostas dos participantes em relação à primeira pergunta formulada no inquérito: Como é a sua relação com a comunidade g0y (g-zero-y)? Todos eles demonstraram familiaridade com o termo g0y, não apresentando nenhuma dúvida nesse sentido.

Como é a sua relação com a comunidade g0y (g-zero-y)?	
Renato	“Não existe comunidade g0y, é só um bando de homem junto que se acha homem, mas no fundo é tudo gay, são uns imbecis na verdade.”
Roberto	“Me considero g0y nas atitudes saca, e acho massa essa parte de não fazer anal e por opção, mas eu me considero gouine e gay. Minha relação com os g0ys é somente virtual até o momento, não tenho amigos g0ys, tenho somente amigos gays.”
Rogério	“ODEIO esses g0ys, eles são a pior coisa que surgiu. Não lutam por direitos, se consideram heteros só porque pegam mulher. Não eh o ato sexual que define ser gay, qualquer atração e em qualquer nível de H pra H é coisa GAY! Que história é essa! Junta um bando de heteros vão assistir o futebol e na hora do gol, tudo se abraçam, se beijam, sarram um no outro, pra mim é tudo gay e mal resolvido. Homem que é homem não topa coisa assim.”
Robson	“Já fui a um encontro g0y, detestei. O g0y não tem glamour, não é fino. São grosseiros, não são sensíveis e tem essa meta de vida de se manterem virgens na parte de trás. Coitados quando experimentarem podem é se viciar kkkk vai ver que tudo tem medo de gostar e não conseguir parar. Sou gouine, mas só quando quero, às vezes faço passivo, só que não toda hora. Sou gay sim e gouine quando quero e gosto de ser assim.”
Robério	“Tudo bem, se for pegar a definição ao pé da letra, eu não sou gay, eu sou g0y. Só que isso é pela definição norte-americana, pois eles enxergam de forma muito racional e enxergam sexo apenas como a penetração. Vide Klinton, foi absorvido, fez tudo e mais um pouco, mas não cometeu estupro porque não fez o sexo, penso que o sexo é qualquer coisa, até mesmo olhar de longe é sexo, masturbação é sexo, fio terra é sexo, beijar é sexo, então não separo isso não. Sou ser humano e fujo de rótulos.”

Tabela 2 - Conteúdo qualitativo transcrito advindo da primeira questão estruturada

Fonte: Dados qualitativos da investigação.

A Tabela 3 traz o conteúdo, também na íntegra, com as respostas dos participantes em relação à segunda pergunta formulada no inquérito: Como é a sua relação com a comunidade gay?

Como é a sua relação com a comunidade gay?	
Renato	“Os gays sempre me discriminaram, me acham feminino me chamam de quase mulher, e afirmam toda hora que sou uma gay medrosa, pois o melhor que é o anal eu não aproveito. Discordo disso tudo, mas são os amigos que tenho.”
Roberto	“Hoje os gays estão muito presos ao anal ou ao oral, não conseguem mais ter uma relação afetiva e mais produtiva, pensam em sexo o tempo todo e eu não me encaixo nesse perfil. A maioria dos meus amigos são heteros. Pena que não são heteros flexíveis hehehe.”
Rogério	“Ah antes me discriminavam pelo fato de ser afeminado, mas tá mudando, hoje já me aceitam um pouco mais, pois quase todo passivo que fazia a linha bofe no truque, também tá soltando a franga a bicharada.”
Robson	“Linda é tudo. Balada festa dá pinta e eh isso, amigas as vezes são falsas, querem impor sua visão, mas mesmo assim é melhor ter amigas mulheres e as amigas gays que ter amigo de hetero uó!!”
Robério	“Sei lá. Eh tipo assim normal. Gosto de homens e não curto afeminados. Só que homem que mantenha pelo menos postura de homem no meio gay tá ficando escasso. Você é gay ativo ou passivo é a primeira pergunta que fazem para decidir se continuam a conversa ou não. Todos acham que sou ativo, mas na verdade curto é mesmo a gounage e pegação no geral, a penetração acho desnecessário.”

Tabela 3 - Conteúdo qualitativo transcrito advindo da segunda pergunta estruturada

Fonte: Dados qualitativos da investigação.

Em relação ao teste-cego, ao apresentar as duas figuras sem legenda e perguntado com qual a pessoa mais se identificaria, tem-se a seguinte configuração:

Renato: Se identificou com os valores gays.

Roberto: Se identificou com os valores g0ys.

Rogério: Se identificou com os valores gays.

Robson: Se identificou com os valores gays.

Robério: Se identificou com os valores g0ys.

Além disso há resultados mais individualizados e customizados a partir da interação não estruturada e aberta, como será discutido também na seção seguinte, com base em seu conteúdo advindo da estrutura adicional mais flexível.

## 4 | DISCUSSÃO

A primeira situação que emerge das entrevistas, em especial da sua porção estruturada, é que a identidade gouine masculina, não é homogênea. Dos cinco entrevistados, dois Roberto e Robério, apesar de adotarem o rótulo gouine divergem completamente do ponto de vista qualitativo do conteúdo das suas falas em relação aos demais que também se auto intitulam *gouines*.

Os dois sujeitos citados, possuem um discurso mais masculinizado, não usam vocativos no feminino como os demais entrevistados – e mesmo no que diz respeito

a identidade de valores pessoais, eles não compartilham propriamente dos valores da comunidade gay (lâmina 2, retirada de Castro, 2016). Ao ser questionado sobre isso Roberto, até chega a ficar em dúvida se de fato se encaixaria no padrão *gouine*, ou não, e apresentou-se a uma tendência a se considerar um g0y homoerótico (Figura 4):

P - As duas lâminas que lhe mostrei, segundo um estudo, uma representa valores gays e outra representa valores g0ys, apesar de se declarar gay, nota-se que você se identificou com os valores g0ys.  
R – Ah é! Estou surpreso. Pode ser que não curta muito os valores da comunidade gay mesmo não, acho fúteis. Mas curti os valores g0ys? Kkk não esperava, vou ler mais pra aprender sobre o assunto. Você me deixou em dúvida? Será que não sou tão gay e que sou mais g0y? Você é g0y?  
P - Não. Eu sou o que vocês chamam de heteropurista ou outros chamam de hetero normativo, apenas estou pesquisando o tema, pois achei intrigante. Aparentemente pelos atos, vocês não seriam nem um nem outro e eu quis mapear melhor isso.  
R – Então já que está estudando, me responda eu poderia ser um homogoy ou invés de gay? Fico com essa dúvida – [emotion de reflexão].  
P - Se existe o heterogoy, também existe o homogoy, por que não? Só que geralmente é chamado de homoerótico ou de homoplatônico.  
R – Platônico? Mas platônico com tanta interação assim fica meio furado. Platônico é algo que não concretiza ou não é?  
P - A visão popular sim, seria isso Roberto, mas pelo que li e pesquisei a respeito. Platão separava e considerava o erotismo intermasculino como excluindo a pederastia, o que nos dias de hoje, se revisitado, todo o comportamento g-zero-y seria justo o que na Grécia Antiga era a visão platônica.  
R - Ah que bom vou ler sobre o assunto, parece interessante, gostei! Tchau! blz aeh!.

Figura 4. Conteúdo de entrevista não estruturada.

Legenda: P – Fala do Pesquisador no chat on-line.

R – Fala/resposta do entrevistado, Roberto (Nome Fictício).

Nesse caso ilustrado na Figura 4 assim como, no outro caso de Robério, que também se identificou com os valores g0ys, a adoção do termo ‘gouine’ está claramente vinculado a ocorrência de não se sentir ‘heterossexual’ e pensar que a comunidade g0y (g-zero-y) é formada exclusivamente por “homens que sentem atração por mulheres”. Nota-se que além disso no discurso de Robério a ideologia do movimento LGBT ainda pesa na escolha, já que os g0ys por opção política e ideológica não adotam a bandeira do arco-íris.

O termo g0y como discutido na revisão da literatura rompe com a cultura gay e, mais do que isso, também rompem com o próprio conceito de gay. Nota-se que em diversos trechos da fala dos entrevistados questiona-se justamente se o sexo anal é capaz (ou não) de romper com o conceito e criar duas categorias homoeróticas.

Prossigamos quanto a esse dilema:

A presença ou ausência do sexo anal não define a orientação sexual, mas pode definir uma identidade. Abrindo aqui o parêntesis para pontuar que como diversos teóricos, inclusive o mais famoso deles Sigmund Freud que não acreditava em orientação sexual

e afirmava que todo mundo nasce *bissex*, se a orientação de fato existir e não for apenas um conceito teórico, conforme rebatem algumas pesquisas e autores (Whitehead, 2011; Lopes, 2014; Sorotzkin, 2014), temos que aqui buscar deixar claro que a penetração não define a questão da orientação, mas a penetração é sim capaz de definir uma identidade sexual. E isso, certamente, é o que confunde a muitos.

Com um raciocínio lógico vamos responder: O sexo anal realmente não define uma identidade?

Pela revisão da literatura apresentada (Wiik, 2012, Castro, 2016, Almeida *et.al* 2017) G0y não é uma orientação sexual, é simplesmente uma postura e um estilo de posicionar perante a vida, portanto é uma característica de identidade. Agora se o sexo anal não fosse capaz de definir identidade, o que seria um gay ativo? O que seria um gay passivo? Na verdade, ao observar-se a história contemporânea, todos os rótulos do mundo homomascuino giram em torno do sexo anal. Então, tem-se o gay ativo – aquele que apenas penetra; o gay passivo - aquele que é penetrado exclusivamente; o gay versátil que assume os dois papéis e tem-se o gay zero o que não faz nada nesse sentido e que supostamente quer “apenas se divertir”, por meio do zero anal.

Chega a ser simples o que seria em princípio para alguns seria tão enigmático. Agora, ainda talvez seja possível se levantar a voz: Então g0y é gay, só que zero! Enquanto opinião desse autor, para poder se enxergar a contradição lógica e talvez o absurdo dessa afirmação, é necessário inverter...

Se alguém declarar: Eu sou hetero.... Só que sou hetero zero, não transo com mulher! Faz sentido? Nenhum sentido. Portanto se um hetero zero não é hetero, um gay-zero também não é gay. E isso é somente uma questão de raciocínio neutro, não homofóbico e não machista, e o que vale para um (o hetero) tem que valer para o outro (o gay)!

Retornando aos dados empíricos. Soou exótica a posição, por exemplo, de Renato (Tabela 1), ao qual afirma que gay não é homem. Seguindo-se à entrevista na porção aberta foi perguntado: “- Quando você fala que os g0ys são fingidos e que não são homens como dizem que são, isso não seria uma normatividade ou padrão pré-estabelecido do que é ser homem? Gay por exemplo também não é homem?”

Vale a pena frisar que demorou vários dias para responder. Mas, após a resistência inicial Renato respondeu:

Claro que homem que é homem é somente hetero e sem nenhuma palhaçada de vamos brincar de gay, vamos brincar mas só um pouquinho tá. Gay pode até ser homem pela parte biológica é óbvio né. Mas os g0ys querem ser masculinos, prezam pela masculinidade por acaso tem algo de errado com a feminilidade? Não tem. Ser feminino é bom. Sou livre para ser homem ou não e o meu gênero não é preso ao meu biológico tá.

O entrevistado Rogério, que declarou explicitamente ter ódio aos g0ys, se recusou a participar na entrevista na parte não estruturada (encerrando a sua participação após as respostas já relatadas nas Tabelas 2 e 3 e a identificação pessoal com as lâminas).

Robson, que também aparentou um relativo posicionamento de radicalismo e/ou mesmo de ortodoxia em defesa da identidade *gouine*, ao contrário dos demais, ele foi um pouco mais aberto, não demonstrou resistência e participou tranquilamente também da fase não estruturada, a responder às questões:

- O que é ser gay para você? [Resposta:] — Como assim? Ser gay é ser gay. Eh nascer gay entende, não se nasce apenas homem e mulher, já se nasce gay, por isso g0y é gay sim, não existe meio homem!

- Sua fala [vide Tabela 3] me passou a impressão que também não curte tanto a comunidade gay. Estou correto? [Resposta:] — As gays são o erro. Elas acham que sou medrosa para não sair dando o {*censurado*} pra qualquer um como elas fazem, só que o corpo é meu, faço o que quiser, se não quero dá o {*censurado*} eu não dou e beijinho no ombro, tá boa. Sou mulher na alma e gosto é da intimidade da gounage.

Na fala do Robson, observa-se novamente à questão da ideia de uma pré-formatação genética, por sua vez contrariada por Whitehead (2011), mas independente da existência ou não desta pré-formatação genética, o que se sobressai do ponto de vista tensional psicológico é o observar que ao adotar o rótulo ‘gay de um estilo gouine’, o discurso não é corroborado pelos seguidores da filosofia de vida heteroflex, mas por outro lado também não é bem visto pelos gays, que pelo conteúdo não aceitam pois encaram o piguismo como item praticamente obrigatório para marcar a sua identidade,.

Como um resumo, se é possível resumir essa complexidade de situar-se em uma região que antes era simplesmente ignorada ou encontrava-se socialmente no limbo – o conceito g-zero-y é marcado por dois elementos: (I) o sentir-se masculino (i.e. prezar pela masculinidade) e (II) a ausência de cópula anal nas interações intermasculinas quando existirem. Os *lesbomen* ou *gouines* na versão brasileira, passam a impressão que apesar de não praticarem o sexo anal, a divisão com os g0ys decorre mais pela característica e que os mesmos *não possuem tanto o sentimento de masculinidade*, por isso tendem a sentir mais afinidade com a comunidade gay e posicionando-se pela rejeição da abertura de um novo rótulo além do *straight-gay* enquanto clássico da sexualidade.

Longe aqui de querer servir de validação científica paralela do estudo realizado por Castro (2016), nota-se que além do conteúdo cristalizado nas entrevistas, a apresentação das lâminas de valores pessoais foi de grande valia.

Os dois entrevistados que se identificaram com os valores g0ys (Lâmina 1) divergem muito dos demais entrevistados. Apesar de usarem o mesmo rótulo, ambos pelas entrevistas mostram-se com ‘sentimentos mais masculinos’, observa-se por exemplo que em perspectiva e em contraste nos demais participantes o discurso tende a ser bem mais feminino; inclusive, utilizando o gênero feminino como referência, como: ‘as gays’, ‘as lindas’, ‘as amigas’ e outras inserções.

Foi comum na fala dos sujeitos (permita-me aqui inferir, que isso provavelmente também ocorra em grande parte da sociedade ocidental), confundir-se desejos com o ato, e vincular necessariamente a homo[sexualidade] masculina com o rótulo gay. A

orientação sexual pode ser a mesma, seja ela de forma pura ou mesclada tal como ocorre no mundo da bissexualidade originária, no entanto, a sexualidade é polimorfa perversa e não assume obrigatoriamente uma única saída ou configuração.

Desde a criação do termo homossexual por Kertbeny (1869, citado em Takacs, 2004), a *homosexuality* não possuía saída única e poderia ser expressa no nível do comportamento pelo *Platonismo erótico* (atual comportamento g-zero-y), pelo *piguismo* (correspondente ao atual rótulo gay), pelo *tribadismo* (que corresponderia ao comportamento das lésbicas e quiça, talvez a dos homens gouines por extrapolação) e pelo *heterogenismo* (heteros sem uniformidade, i.e. correspondente aos atuais bissexuais/pansexuais).

No caso dos gouines (*lesbomen*), a situação ainda se complexifica um pouco mais, pois em perspectiva de cotejamento, existe a mesma ‘orientação sexual’ e o mesmo ‘comportamento homoerótico’. Então não parece estar, nem a orientação, nem o comportamento suficientes para marcar o novo rótulo que tenta emergir. Nesse contexto, parece ser o intermediário do intermediário, na qual a mesma ‘orientação’ e o mesmo ‘comportamento homoerótico’ de não cópula; geram duas identidades g0y e gouine e a questão do sentimento da masculinidade é o divisor entre ambos os rótulos.

Se a identidade g0y – deriva da identidade ‘zero anal’, ou seja, do homem que sente desejos homoeróticos, mas possui o limite de não desejos do sexo anal; os *lesbomen* também seriam gays zero; aliás assim são chamados na Rússia, na Ucrânia (GØy, 2012), passando a impressão que na versão brasileira a adoção do termo ‘*gouine*’ da comunidade lésbica, aumenta a tensão conceitual e pelos dados passa a sensação que os fragiliza.

Do ponto de vista dos resultados desta pesquisa aparentemente os *gouines* assumem uma postura de resistência ao crescimento da adoção do rótulo g0y e preferem manter a sua identidade cultural como sendo gay, isso conforme depoimentos, é expresso por diversas motivações, como: manter o vínculo político com o movimento LGBT, não se identificar com os valores pessoais dos membros da comunidade g-zero-y (g0y) (Castro, 2016) e às vezes até mesmo por desconhecimento do significado conceitual dos termos (Sá-Teixeira, 2019).

Por outro lado essa postura de maior aderência identitária aos valores da comunidade gay, não é necessariamente uma aceitação de mão dupla, pois pelo apontado nem todo gay vê esse não piguismo, a abstinência ou a aversão ao sexo anal com bons olhos. Essa tensão gera conflitos e em especial faz surgir o sentimento de isolamento tanto em relação aos indivíduos da comunidade dos que se denominam homoeróticos/hetero flexíveis, quanto também em relação a indivíduos que se denominam gays.

Nesse conflito, por fim, cabe ressaltar que esse estudo de caráter exploratório, não possui o intento de esgotar o tema, que pode ser abordado sob diversos ângulos, o tema de pesquisa é complexo o suficiente para merecer inserções futuras, sejam elas inserções empíricas, sejam inserções de base teórica, ontológica ou epistemológica no sentido de ampliação da discussão dessas regiões inseridas no panorama do homoafetivo masculino.

## REFERÊNCIAS

- Aboim, L. (2018, 22 de novembro). Em prol da diversidade: Por que os g0ys não são considerados gays. [Entrevista concedida a Roma Castro]. *Jornal Blasting News*. Recuperado de: <https://br.blastingnews.com/sociedade-opiniao/2018/11/em-prol-da-diversidade-por-que-os-g0ys-nao-sao-considerados-gays-002778639.html>
- Almeida, A., Castro, P., Razuck, F., & Mamede, W. (2017). Género y identidad masculina en el nuevo milenio: La homo afectividad y la visión social basada en la filosofía de comportamiento GØy (G-cero-y). *Psicología, Conocimiento y Sociedad*. 7(1), 199-225. doi: <http://dx.doi.org/10.26864/v7n1.9>
- Bass, J. (2014). Entenda os termos 'goy' e 'bromance'. *Saúde Plena*. Recuperado de: <http://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2014/10/06/noticias-saude,191441/entenda-os-terminos-goy-e-bromance.shtml>.
- Castro, P. M. R. (2016). Gays seus valores versus valores g0ys: Diferentes identidades contemporâneas sob o ponto de vista das prioridades axiológicas. In: *Anais do 12º Colóquio Nacional de Representações Gênero e Sexualidades*. Campina Grande, Paraíba - Brasil: Editora Realize. Recuperado de: [http://editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO\\_EV053\\_MD1\\_SA7\\_ID1774\\_02052016172429.pdf](http://editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO_EV053_MD1_SA7_ID1774_02052016172429.pdf)
- Cecarello, C. & Castro, P. M. R (Entrevistados) (2015). *Programa Super Pop: Qual a fronteira entre o homoafetivo (g-y) e o homossexual (gay)*. [Vídeo]. São Paulo, SP/Brasil: RedeTV. Recuperado de [https://www.youtube.com/watch?v=\\_XF-TZkDUQc](https://www.youtube.com/watch?v=_XF-TZkDUQc).
- Dicionário Informal (2014). *Significado da palavra gouine*. Verbete disponível na versão *on-line*. Recuperado de: <http://www.dicionarioinformal.com.br/gouine/>.
- Fleischman, D. S., Fessler, D. M. T. & Cholakians, A. E. (2015). Testing the Affiliation Hypothesis of Homoerotic Motivation in Humans: The Effects of Progesterone and Priming. *Archives of Sexual Behavior*, 44(5), 1395-1404. doi: <http://dx.doi.org/10.1007/s10508-014-0436-6>
- Fratman, M. (2014). Representante g0y no Brasil afirma: 'Chamar um homoafetivo de homofóbico beira a insanidade'. [Entrevista concedida a Fabrício Provenzano]. *Jornal Extra*. Recuperado de: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/representante-g0y-no-brasil-afirma-chamar-um-homoafetivo-de-homofobico-beira-insanidade-12511150.html>
- Fratman, M. (2016, 5 de novembro). *O Homoerotismo na Grécia Antiga*. [Blog]. Recuperado de <http://brasilzeroy.blogspot.com.br/2016/11/o-homoerotismo-na-grecia-antiga.html>.
- GØy (2012). МУЖЧИНЫ, ЛЮБЯЩИЕ МУЖЧИН, А НЕ ГЕЕВ [Tradução livre: Homens que amam homens e não estão gays ]. Recuperado de: <http://g0y.eu/>.
- GØys (2004). *Love, Trust, Respect, Discretion, Masculinity*. Recuperado de: <http://g0ys.org/>.
- Heterogoy (2014). *Um site para homens modernos e conscientes de seu papel*. Recuperado de: <http://heterogoy.webnode.com/>.
- Klein, F. (1993). *The bisexual option*. 2ª ed. New York: Harrington Park Press.
- Lacerda Neto, A. V. (2007). *A homossexualidade em Platão*. Recuperado de: <https://arthurlacerda.wordpress.com/2007/08/12/a-homossexualidade-em-platao/>
- LGBT (2016). Já ouviu falar dos g0ys? Conheça este movimento que... Não é gay! Recuperado de: <https://www.lgbt.pt/ja-ouviu-falar-dos-g0ys-conheca-movimento-nao-gay/>
- Lopes, C. (Entrevistada) (2014). *GØys in focus - Brazilian TV*. [Vídeo]. Belo Horizonte, MG /Brasil: BH News. Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=FaoBRL2nng>

Mott, L. (2014, 17 de abril). É um modismo, diz ativista LGBT sobre o movimento dos g0ys [Depoimento concedido à Marina Cohen]. *Jornal O Globo*. Recuperado de: <http://oglobo.globo.com/sociedade/e-um-modismo-diz-ativista-lgbt-sobre-movimento-dos-g0ys-12223092>

Prieto, M. H. U. (2006). *Breves apontamentos sobre o homossexualismo Grego*. Lisboa: Impactum Coimbra University Press.

Puroflex (2017). *Prazer & Consciência – Dúvidas: Esclareça-as*. Recuperado de: <http://puroflex.webnode.com/duvidas/>

Sá-Teixeira, N. (2019). Categorização, cognição e o estilo de vida g0y. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 10(1), 131-152. doi: <http://dx.doi.org/10.5433/2236-6407.2019v10n1p131>

Sorotzkin, B. (2020). *Same-sex attraction (SSA): Beyond the rhetoric*. [Working Paper]. Recuperado de: <http://drsorotzkin.com/wp-content/uploads/2014/10/eng-ssa.pdf>

Takacs, J. (2004). The Double Life of Kertbeny. In G. Hekma (ed), *Past and Present of Radical Sexual Politics* (pp. 26–40). Amsterdam: Mosse Foundation. Recuperado de: <http://www.policy.hu/takacs/pdf-lib/TheDoubleLifeOfKertbeny.pdf>.

Viana, D. (Entrevistada) (2014) *Tema g0y no Sala News*. [Vídeo]. Vitória, ES/Brasil: Record TV. Recuperado de: [https://www.youtube.com/watch?v=QUvjR\\_FzIXE](https://www.youtube.com/watch?v=QUvjR_FzIXE)

Whitehead, N. E. (2011). Neither Genes nor Choice: Same-Sex Attraction Is Mostly a Unique Reaction to Environmental Factors. *Journal of Human Sexuality*, 3, 81-114. Recuperado de: [http://mygenes.co.nz/whitehead\\_twinjhs.pdf](http://mygenes.co.nz/whitehead_twinjhs.pdf)

Wiik, F. B. (2012). Os g0ys: Religião, sexualidade, gênero e identidades homoeróticas na contemporaneidade. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 2(2), 66-83. Recuperado de: <http://revista.psico.edu.uy/index.php/revpsicologia/issue/view/34>.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

afeto 128, 129, 132, 152, 170

Ansiedade 19, 59, 61, 62, 98, 100, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 151, 174, 180, 199, 201

Aprendizagem 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 87, 88, 89, 90, 109, 112, 114, 117, 120, 121, 123, 136, 140, 141, 142, 204, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 225, 226

### C

Cannabis 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181

Cérebro 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 90, 117, 118, 169, 173, 174

Cinema 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 223

Comportamento 3, 4, 5, 8, 12, 13, 14, 15, 27, 29, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 48, 51, 74, 80, 90, 96, 98, 102, 107, 108, 114, 117, 118, 127, 134, 135, 136, 137, 138, 142, 171, 173, 178, 215, 216, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225

Cultura 11, 27, 41, 42, 44, 48, 54, 57, 98, 100, 141, 143, 147, 153, 180, 186, 187, 197, 205, 208, 218

### D

Depressão 98, 100, 108, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 174, 180, 207, 208

Discriminação Sexual 17, 25, 26, 28, 31

Docente 72, 75, 78, 80, 87, 88, 89, 105, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 214

### E

Educação 1, 17, 18, 20, 21, 23, 24, 31, 32, 33, 34, 66, 67, 70, 71, 73, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 85, 87, 88, 89, 90, 104, 107, 109, 113, 114, 129, 140, 141, 142, 160, 182, 214, 226, 227

Ensino Superior 17, 18, 22, 25, 26, 27, 32, 33, 34, 35, 71, 72, 77, 103, 104, 105, 110, 111, 112, 113, 114

Espectador 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62

Estilo de Aprendizagem 67, 68, 71, 72, 74, 75, 76, 77

### F

Finitude 199, 200, 201, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213

Fronteira 43, 52, 91, 92, 93, 95, 100, 101, 102, 126

## G

Genealogia 1, 3, 4, 15

Gestão do Conhecimento 214, 218, 224, 225

## H

História 1, 2, 3, 4, 11, 14, 15, 16, 26, 27, 46, 49, 59, 60, 61, 118, 136, 142, 145, 159, 160, 183, 207, 216, 221, 222

Homoerotismo 36, 38, 39, 42, 52

## I

Idoso 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161

Interação 38, 39, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 60, 62, 66, 68, 99, 107, 117, 141, 143, 147, 152, 153, 154, 157, 158, 195, 214, 215, 221, 222, 223, 225

Inventário 66, 67, 69, 70, 72, 75, 76, 115, 120

## L

Lixo 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142

## M

Meditação 128, 129, 130, 132

Meio-Ambiente 134

Memória 61, 108, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 151, 171, 174, 184, 192, 217, 219, 225

Militar 93, 94, 96, 97, 98, 100, 102

Mindfulness 128, 129, 132, 133

Morte 63, 98, 99, 150, 151, 156, 199, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213

## N

Neuroaprendizagem 78, 82

Neuropedagogia 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89

## O

Oficina 157, 193

Ontologia 182, 190, 192, 193, 196, 197

## P

Plasticidade 78, 174, 180

Poética 54, 56, 57, 58, 60, 61

Psicodinâmica do Trabalho 91, 94, 101

Psicologia 1, 16, 17, 21, 32, 33, 34, 37, 41, 42, 53, 54, 55, 56, 64, 65, 80, 81, 89, 96, 101, 103, 128, 129, 134, 136, 142, 144, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 175, 179, 180, 191, 198, 199, 214, 215, 216, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227

Psiquiatria 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 80, 161, 170, 180, 183, 184, 185, 187, 188

## Q

Qualidade de Vida 12, 91, 97, 99, 101, 105, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 224

## R

Racismo 17, 18, 20, 31, 33, 35, 157

Regulamentação 163, 164, 165, 166, 176, 177, 179

## S

Saúde Mental 1, 15, 16, 17, 30, 31, 32, 55, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 196, 197, 198

Sexualidade 32, 33, 34, 36, 37, 38, 41, 42, 50, 51, 53, 59, 60

Síndrome de Burnout 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114

Sociologia 129, 180, 214

Sofrimento 59, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 119, 158, 173, 178, 182, 183, 186, 187, 188, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 211, 212, 213

## T

Tecnologia 1, 2, 4, 5, 6, 9, 10, 16, 182, 224

Terapia Ocupacional 182, 184, 185, 190, 192

Trabalho 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 25, 37, 44, 52, 59, 62, 66, 68, 70, 75, 77, 80, 83, 89, 91, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 127, 136, 139, 140, 142, 148, 159, 163, 164, 166, 184, 185, 186, 187, 190, 191, 192, 196, 197, 209, 214, 215, 220, 221, 223, 224, 225, 226

## V

Vida 3, 4, 6, 8, 11, 12, 14, 15, 16, 19, 40, 41, 46, 49, 50, 53, 54, 56, 57, 59, 60, 62, 63, 64, 91, 93, 96, 97, 99, 100, 101, 105, 108, 113, 117, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 136, 137, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 164, 167, 174, 178, 184, 185, 186, 188, 191, 192, 193, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 220, 223, 224

## Y

Yoga 128, 129, 131, 132, 133



# *A Psicologia em Diferentes Contextos e Condições 2*



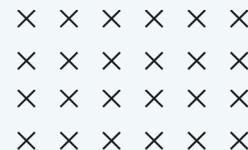
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 





# *A Psicologia em Diferentes Contextos e Condições 2*



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

